

António José Coelho, sj

UMA ESPADA DE DOIS GUMES

É a Palavra de Deus viva e eficaz



EDITORIAL A.O.

Na capa

O Sermão da Montanha (pormenor)
Karl Heinrich Bloch

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Papelmunde, Soc. de Manufacturas Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº

496382/22

ISBN

978-972-39-0936-4

Fevereiro de 2022

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

PREFÁCIO

A «espada de dois gumes» é o título deste livro que nos vai aproximando, simultaneamente, de Deus e dos homens. E fá-lo, através duma linguagem acessível e muito atraente, que nos torna agradecidos e dispostos a ler, sempre mais... até ao fim.

De facto, desde o início, nos sentimos atraídos pelo mistério de Deus, à conta da Encarnação de Jesus Cristo; pois, Ele, saindo do ambiente de Deus ao encontro do homem, acabou por regressar, levando o homem consigo. E esta consciência alumada pela fé, ajuda-nos a caminhar e a confiar cada vez mais.

Entretanto, a palavra mais expressiva que favorece o diálogo, ao longo de todos os capítulos do livro, dá pelo nome de «Verbo»: Verbo de Deus... Verbo incarnado! E tanto no Antigo como no Novo Testamento, esta Palavra é saboreada por numerosos comentadores ou crentes, uma vez que Deus nos deixou a sua «Palavra» como guia e caminho de Salvação.

Além disso, a Palavra de Deus é criadora e, com ela, Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança – e criou, também, todas as coisas à sua volta – tornando-nos, assim, participantes do diálogo com a Santíssima Trindade. Ora, isto deixa transparecer o amor infinito que o Criador tem pela sua ‘criação’ – que somos nós e é o mundo inteiro que Ele nos deu como morada. Mas, então, porque é que a criação se mostra, a cada passo, de costas voltadas ou em conflito com

a vontade do Criador? Decerto, porque a Palavra de Deus é interpretada ao sabor do 'apetece-me' da moda ou inspirada pelas 'conveniências' de cada um. Todavia, a mesma Palavra de Deus fala ao coração e, nele, deve ser escutada com simplicidade e humilde confiança.

Agora, o Verbo feito carne é a personificação da palavra de Deus e aparece como 'luz' que revela e como 'poder' que opera com sabedoria e eficácia. E, alumando à sua volta, torna-se o primeiro 'evangelizador'. Depois, atraindo progressivamente diversos seguidores ou discípulos, vai-os ensinando a fazer o mesmo, à conta da evangelização. E, assim, nasce a Igreja que se propõe salvar a todos, mediante o único Mediador – Jesus Cristo. E, através dessa atividade missionária, esforça-se por compreender as diversas culturas, respeitando e integrando todos os valores humanos.

Como vemos, o Cristianismo é a «religião da Palavra». E a Sagrada Escritura deve ser vista como sendo essa Palavra viva, que contém a verdade de toda a revelação. Como diz o livro do Êxodo: «uma espécie de sarça que arde e não se consome»! Agora, podendo a sua proclamação ser feita através das mais variadas situações, é sobretudo na Eucaristia que isso acontece, pois é nela que a Palavra se faz 'carne', a favor do nosso 'alimento'. Mas é o Espírito Santo que reúne a comunidade à volta da Palavra, atualizando o Mistério Pascal de Cristo oferecido em comunhão. E é, também, o Espírito Santo que inspira o modo de anunciar o Evangelho em cada Eucaristia, colocando todo o nosso ser em Cristo e Cristo no coração do homem. E porquê assim? Porque a Palavra de Deus não é uma mensagem que se transmite, como se de um conto se tratasse... antes, ela é uma realidade dinâmica, um mensageiro vivo e transformador.

Por isso, todos os cristãos devem ser 'evangelizadores', adquirindo consciência disso, logo a partir do sacramento do Batismo. E o Apóstolo Paulo descobriu, aí, razão para dizer: «Ai de mim, se não evangelizar»! E explica, a seguir, que se o não fizesse, estaria a atraiçoar a missão que o Céu lhe confiara. Ora, o mesmo acontece com cada um de nós, uma vez que a Boa Nova do Evangelho deve ser anunciada, antes de mais, mediante o 'testemunho'. E é por isso que o autor deste livro fala por convicção e, também, por experiência, pois dedicou parte da sua vida ao serviço das missões, em Moçambique; e, agora, continua a fazê-lo, através das responsabilidades pastorais que lhe são confiadas pela Comunidade Jesuíta, a que pertence.

Realmente, a Boa Nova do Evangelho deve ser anunciada, mediante o 'testemunho'; pois, só assim, a Palavra de Deus aparece como realidade viva e devidamente assimilada. E o Concílio Vaticano II deixou isso bem claro, dizendo: «é preciso que os cristãos testemunhem com a Palavra e com a vida, o que receberam no batismo, pois, os demais (os não cristãos) também precisam de se edificar, aprendendo a louvar a Deus». Sendo assim, é preciso aprender a saborear a Palavra de Deus e o seu Reino, olhando de perto para Jesus Cristo, como ícone luminoso que vai dando a conhecer a Vontade do Pai. Depois, revelando a mesma Vontade, faz que sintamos os olhos e o coração iluminados e possamos saborear o Céu, mesmo através das pequenas tarefas quotidianas. E, assim, a evangelização aparece como missão de cada batizado, mormente mediante a vivência da Palavra de Deus. Isto, na oração individual e comunitária, na leitura da Sagrada Escritura e no encontro com os irmãos que conosco caminham, ao encontro do Pai do Céu.

Em conclusão: este livro, escrito com uma linguagem simples e atraente, é inspirado pela Palavra de Deus e beneficiado com a experiência da missão. E a sua leitura ajuda a interiorizar o mistério da fé, mesmo através da simplicidade das palavras humanas que vai utilizando. E estas ajudam a fazer eco da Palavra de Deus, saboreada ao longo do tempo e vivida por toda a eternidade. Graças a Deus!

† Augusto César

Bispo Emérito de Portalegre-Castelo Branco

Capítulo I

A PALAVRA ETERNA

«No princípio era o Verbo» (a Palavra) (*Jo* 1, 1). É desta forma que começa o Evangelho de São João. Jesus foi «gerado, não criado» (Credo da Missa), desde toda a eternidade, no eterno presente de Deus, para o qual não existe passado nem futuro; «consustancial ao Pai» (Credo da Missa), da mesma «*substância*» divina do Pai: «E o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus» (*Jo* 1, 1). João acrescenta esta afirmação para que não fiquem dúvidas de quem é o Verbo.

O evangelista contempla o Verbo desde o seu estar junto de Deus, passando por «fazer-se carne», até ao regresso ao seio do Pai, levando consigo a nossa humanidade, que assumiu para sempre, como mostram as chagas da Paixão que Ele conservou depois da ressurreição. Cristo vem à terra sem deixar o Céu e sobe ao Céu sem deixar a terra.

E é, de facto, muito consolador, e bem significativo, que Cristo, «regressado» ao seio da Trindade, conserve a sua humanidade (ainda que agora em Corpo glorioso), assumida por nosso amor.

Ele continua a ser (ainda que de um modo diferente, reafirmamos), o Homem-Deus: totalmente Deus e totalmente Homem. Por isso, não devemos ter receio de nos fixarmos na humanidade de Cristo, como acontecia com

Santa Teresa de Jesus, que tinha uma especial veneração pela humanidade de Cristo.

Deste modo pode continuar a compreender, de maneira completa, as fraquezas e contradições da condição humana. Tudo o que Ele viveu na terra continua a vivê-lo no Céu (ainda que de uma forma distinta, repetimos).

Por isso, continua a ser verdade aquilo que a *Carta aos Hebreus* afirma: «De facto, não temos um Sumo Sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois Ele mesmo foi provado, como nós, em todas as coisas, menos no pecado» (*Hb* 4, 15).

Como nosso Intercessor e único Mediador junto do Pai, a sua mediação é mais eficaz, se assim podemos dizer, porque os pedidos de intercessão são feitos pelo homem, cuja condição Ele assumiu e por isso Ele compreendeu e compreende o que há de mais profundo e misterioso no homem, em cada homem: «Ele não precisava de informações a respeito de ninguém, porque conhecia o homem por dentro» (*Jo* 2, 25).

E João declara, logo a seguir, o poder deste Verbo: «Tudo foi feito por Ele e nada foi feito sem Ele» (*Jo* 1, 3). Isto mesmo atesta a *Carta aos Colossenses*, entre muitos outros testemunhos: «N'Ele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, tanto as visíveis como as invisíveis. (...) Tudo foi criado por meio d'Ele e para Ele» (*Cl* 1, 16). E temos também o testemunho da *Carta aos Hebreus*: «Sabemos pela fé que a Palavra de Deus formou o mundo» (*Hb* 11, 3).

Esta Palavra é, pois, uma *Palavra criadora*: «Deus disse: “Que exista a luz. E a luz começou a existir”» (*Gn* 1, 3 e também 6.9 e *passim*). O mesmo se refere no *Eclo*: «Foi

com palavras que Deus fez as suas obras» (42, 5). O mesmo pensamento encontramos em *Sb* 9, 1: «Tudo criaste com a tua Palavra». E ainda: «O céu foi feito com a Palavra de Javé e o seu exército com o sopro da sua boca» (*Sl* 33, 6). A Palavra é, pois, a expressão da Palavra onipotente que criou o mundo.

Diz-nos ainda o *Livro da Sabedoria*, invocando o Criador: «Deus dos nossos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua Palavra» (*Sb* 9, 1). E o autor sagrado, logo no versículo seguinte, especifica a criação do homem: «Com a tua Sabedoria criaste o homem». É com toda a razão que o autor sagrado dá relevo à criação do homem, porque este representa o ápice da criação, para o qual esta foi criada, com todas as suas maravilhas e infinitas belezas, para deleite e proveito do ser humano.

A realidade, portanto, nasce da Palavra, como «criatura» do Verbo, como acabamos de afirmar, e tudo o que existe é, pois, chamado a *servir a Palavra*. E, além de criadas, todas as coisas têm a sua *subsistência* naquele que existe antes de qualquer outra realidade: «Ele existe antes de todas as coisas, e tudo n'Ele subsiste» (*Cl* 1, 17).

Com razão, pôde, por isso, afirmar São Boaventura: «Cada criatura é a Palavra de Deus proclamada», e proclamada de uma maneira bem clara e eloquente: «Aquilo que é possível conhecer de Deus foi manifestado aos homens».

De facto, desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus «podem ser contempladas (...) nas obras que Ele realizou» (*Rm* 1, 19; 20). E acrescenta o apóstolo: «Os homens, portanto, não têm desculpa, porque embora conhecendo a Deus [pelas suas obras], não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças» (*Rm* 1, 20-21).

Na origem de cada um de nós estão as palavras que Deus pronunciou e pronuncia continuamente nas nossas vidas e nos orientam, para sabermos aquilo que devemos pôr por obra: misericórdia, vida, etc. Se nos deixarmos conduzir por estas palavras, que chegam a nós das mais diversas maneiras, estaremos no bom caminho, e elas permitirão que não nos desviemos nem para a direita, nem para a esquerda.

Portanto, o Verbo que «se faz carne» é o mesmo que já existia desde o princípio sem princípio: «No começo a Palavra já existia» (*Jo* 1, 1); não houve, portanto, um tempo em que não existisse; preexiste à criação, porque foi por meio d'Ele que tudo foi criado.

Por consequência, Deus dá-se-nos a conhecer, desde sempre, como mistério de amor infinito, no qual, desde toda a eternidade, o Pai exprime a sua Vontade, no Espírito Santo. Por isso, o Verbo revela-nos o próprio Deus, no diálogo de amor entre as Pessoas Divinas, e convida-nos a participar neste diálogo.

Só o Verbo é capaz de realizar as aspirações mais profundas do coração do ser humano. Para edificar a própria vida, o homem tem necessidade de alicerces sólidos e o Verbo oferece estes alicerces que permanecem sempre inalterados, mesmo quando falham todas as certezas humanas.

E quando estas faltam, descobrimos que as nossas certezas são muito incertas e, por vezes, não têm mesmo um fundamento sólido, no qual nos possamos apoiar, sem medo de errar.

Quando chegarmos a esta sábia conclusão, esta apontar-nos-á para Deus como certeza única e inabalável, na qual nos podemos apoiar com plena confiança.

Desde as origens, a Palavra vem ter com o homem e mostra-lhe que a criação foi desejada numa «relação de familiaridade» com a vida divina, como emanação desta vida, ou seja, ela é uma comunicação da mesma vida de Deus, uma exteriorização dessa vida, para que nós a pudessemos compreender e gozar dos seus frutos.

Com efeito, a Vida que é Deus é a mesma que há em nós. Então nós somos iguais a Deus? Não, somos só semelhantes, porque entre a Vida que é Deus e a que há em nós há duas diferenças importantes. A primeira, consiste em que Deus é a *origem* desta vida e não nós: a água da fonte não é igual à fonte! A segunda, é que esta Vida em Deus é *infinita* e em nós é *finita*.

Contudo, nunca nos esqueçamos de que, como afirma o *Livro do Génesis*: «Deus criou o homem à sua imagem: à imagem de Deus Ele o criou; e criou-os homem e mulher» (*Gn* 1, 27). E o próprio Cristo, no Evangelho de João, citando o *Salmo* 82, 6, se refere a esta consoladora verdade, quando afirma: «Não é na vossa Lei que está escrito “vós sois deuses”?».

O *Livro da Sabedoria* e também o *Livro dos Provérbios* identificam a Palavra com a *Sabedoria*, Sabedoria só própria de Deus, que ultrapassa infinitamente toda e qualquer sabedoria humana: «Javé alicerçou a terra com sabedoria e firmou o céu com entendimento» (*Pr* 3, 19). E o autor do *Livro da Sabedoria*, ao mesmo tempo que evoca a sabedoria, pede-a para si: «Concede-me, Senhor, a sabedoria que está entronizada ao teu lado» (*Sb* 9, 4).

São Paulo, por sua vez, exprime assim o mistério de Cristo, Princípio Primordial: «Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura» (*Cl* 1, 15-16).

Desde o princípio, é necessário começar com o mistério de Deus, como nos é revelado na Sagrada Escritura. O Deus da revelação é um Deus que fala, um Deus que é, Ele mesmo, Palavra que se dá a conhecer à humanidade de diversos modos. A História da salvação começa com a «Palavra que sai da boca de Deus» (Dt 8, 3) e continua nas palavras que Deus dirige continuamente ao homem.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	5
Capítulo I	
A Palavra eterna	9
Capítulo II	
A Palavra no Antigo Testamento	15
Capítulo III	
Antigo e Novo Testamento	27
Capítulo IV	
O Verbo fez-se carne	37
Capítulo V	
O Verbo era a luz	45
Capítulo VI	
A Palavra anunciada (e proclamada)	49
Capítulo VII	
A Palavra proclamada na Eucaristia	53
Capítulo VIII	
Quem evangeliza?	59

Capítulo IX	
Jesus, o primeiro evangelizador	67
Capítulo X	
Evangelizar à maneira de Jesus	73
Capítulo XI	
A Palavra de Deus acolhida	79
Capítulo XII	
A Palavra de Deus posta em prática	89
Capítulo XIII	
A Palavra de Deus assimilada e saboreada	93
Capítulo XIV	
A Igreja, depositária da Palavra	103
Capítulo XV	
A proclamação da Palavra na Igreja	111
Capítulo XVI	
Efeitos da Palavra na Igreja	121
Capítulo XVII	
A Palavra divina e a palavra humana	127
Capítulo XVIII	
O valor da Palavra de Deus	135